
MEMÓRIA, SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES NA CONFIGURAÇÃO SOCIOESPACIAL DO SERTÃO DA RESSACA - BAHIA

Geisa Flores Mendes
Universidade Federal de Sergipe
geisauesb@yahoo.com.br

Prof. Dr^a Maria Geralda de Almeida
Universidade Federal de Goiás
mgdealmeida@gmail.com

RESUMO

O Sertão da Ressaca é uma denominação que se faz presente nos documentos que abordam o processo de ocupação e povoamento do interior da Bahia, compreendendo genericamente, uma área de transição geográfica entre o litoral e a caatinga estruturada em torno do atual município de Vitória de Conquista - Bahia. Esta denominação é uma referência espacial e simbólica constituída de múltiplas representações. Ao discutir os conceitos de território, lugar, memória e representações neste artigo busca-se compreender a configuração de representações acerca deste sertão, tendo como eixo condutor a inclusão e a exclusão socioespacial, as bases materiais e imateriais, as permanências e rupturas, as espacialidades e temporalidades que permitem a apreensão deste território/lugar *sertão* na memória e nas representações sociais daqueles que o vivenciaram/vivenciam. Entende-se que tanto a memória quanto as representações estão intrinsecamente associadas ao processo de produção socioespacial, assim, aproximação destes conceitos, especialmente na discussão do sertão, acena para a possibilidade de um diálogo interdisciplinar, mantendo-se, todavia, a peculiaridade do olhar geográfico.

Palavras-chave: território, lugar, memória, representações, sertão

ABSTRACT

Undertow Backwoods is a denominations that it is present in the documents that deals with the process of occupation and housing in Bahia country cities, comprehending generically, an area of geographic transition between the coastline and undertow backwoods structured around Vitória da Conquista city. This denomination is a space and symbolic reference constituted of multiple representations. The aim of discussing the concepts of territory, place, memory and representations in this article is to search for understanding the configurations of this backwoods, having the inclusion as the main leader axis, and the social space exclusion, the material and immaterial bases, the remaining, the broken, the spaces singularities and temporalities that allows the apprehension of this territory/place *backwoods* in the memory and social representations of those who lived/live it. It is understandable that the memory as much the representations are intrinsically related to the process of social space production, so, the approach of the mentioned concepts, specially in the discussion about the backwoods, points to the possibility of a interdisciplinary dialogue, keeping, however, the peculiarity of a geographic look.

Key-words: territory, place, memory, representations, backwoods.

Introdução

Território e lugar, com a carga simbólica que emanam, desempenham papel fundamental na configuração de memórias e representações sociais, o que envolve a compreensão de que os símbolos, os discursos, as práticas sociais consolidam determinadas territorialidades, interferem nas configurações socioespaciais.

No estudo proposto, os conceitos de território e lugar ao lado dos conceitos de memória e representações sociais possibilitam analisar a configuração de representações acerca do sertão e, mais especificamente, do Sertão da Ressaca – Bahia, tendo como eixo condutor a inclusão e a exclusão socioespacial, as bases materiais e imateriais, as permanências e rupturas, as espacialidades e temporalidades que permitem a apreensão deste território/lugar *sertão* na memória e nas representações sociais daqueles que o vivenciaram/vivenciam.

Geógrafos, com perspectivas de análises diversas, já explicitaram que tanto a memória quanto as

representações estão impregnadas de “signos” e referentes geográficos. Para Holzer, “qualquer trabalho que se refira à espacialidade humana deve referir-se à memória” (2000, p. 111). Na expressão de Corrêa, “o espaço geográfico é também um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões” (1997, p. 294). No dizer de Almeida (2003) é através do conhecimento das representações que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e mulheres. Acredita-se, portanto, que o campo da memória e das representações possibilita um olhar multifacetado, proporcionando a percepção de vertentes ainda pouco exploradas e muito ricas de significados no que concerne ao espaço geográfico. Pode-se afirmar, diante desses supostos e, concordando com Sousa Neto (2000), que boa parte dos símbolos da uma identidade nacional estão eivados de geograficidade.

Principais Questões e Objetivos

Considerando os elementos apontados, algumas questões norteiam o desenvolvimento deste estudo: Que representações estão predominantemente associadas ao termo sertão? Quais são os elementos de ancoragem na configuração de memórias e representações acerca do sertão? O que se proclamou sobre o sertão nas construções discursivas, nos ritos e emblemas veiculados ao longo do tempo? Que traços singularizam o sertão e, mais especificamente, o Sertão da Ressaca? O Sertão da Ressaca se constitui, atualmente, em *lugar de memória*? Quais são as permanências e rupturas da imagem deste sertão na memória coletiva? As dinâmicas territoriais que envolvem Vitória da Conquista, atualmente, têm raízes nestas representações? Estas e muitas outras inquietações motivaram a construção desta proposta e apontam para o objetivo de, neste trabalho, analisar as territorialidades do Sertão da Ressaca discutindo a articulação dos emblemas, ritos e discursos que contribuíram/contribuem para a consolidação de representações acerca deste território.

Referencial Teórico Conceitual

O arcabouço teórico conceitual adotado pauta-se, principalmente, em autores que se preocuparam e que vem se debruçando sobre questões pertinentes à temática aqui apresentada. Assim, em relação aos conceitos geográficos, utiliza-se o suporte teórico encontrado principalmente em Carlos (1996), Castro (1992, 1997), Claval (1999, 2002), Corrêa (1994, 1997), Cosgrove (1998, 1999), Haesbaert (2002, 2004), Moraes (2005), Souza (1995, 2001) dentre outros. No que diz respeito à memória, importante referência encontra-se especialmente em Halbwachs (1990), Pollak (1989, 1992) e Fentress e Wickham (1992). Em Chartier (1990), Bourdieu (1989) e Jodelet (1991) encontra-se o referencial teórico norteador para a compreensão do papel dos elementos que engendram representações, bem como a percepção das estratégias de mobilização simbólica que se instituem a todo instante em nossa sociedade. Na discussão específica do sertão, contribuições fundamentais foram encontradas em Amado (1995), Almeida (2003), Arruda (2000), Bolle (2004), Lima (1999), Rodrigues (2001) dentre outros.

Acredita-se que, na adoção destas categorias de análise, o sertão/os sertões podem ser identificados não apenas como territórios e lugares demarcados geograficamente, mas também como investimentos simbólicos que, dependendo dos grupos sociais e períodos históricos, oscilam quanto ao seu significado.¹ A partir desta compreensão, configura-se a possibilidade de não fragmentação entre uma realidade objetiva: um território delimitado histórica e espacialmente, e uma realidade subjetiva, simbólica, presente na memória e evidenciada nas representações dos lugares como espaços vividos, dotados de um “sentido”, ou melhor, múltiplos “sentidos”.

Breves Considerações Metodológicas da Pesquisa

As categorias *território*, *lugar*, *memória* e *representações sociais* se constituem no alicerce principal deste trabalho. Empiricamente, a pesquisa se delineia em torno do território histórico e geograficamente

considerado como Sertão da Ressaca, localizado na região que, na atualidade, tem como principal centro de referência a cidade de Vitória da Conquista, na Bahia.

Os seguintes procedimentos metodológicos foram estabelecidos na implementação desta proposta: Construção de *Grade de observação direta* buscando um melhor aproveitamento dos aspectos observados nos lugares selecionados para a pesquisa direta; análise dos discursos e imagens produzidas e veiculadas em publicações oficiais do Governo da Bahia acerca deste espaço sertão; pesquisa documental em textos jornalísticos locais buscando extrair dos discursos como foi tematizado, em diferentes períodos, este espaço; realização de questionários e entrevistas semi-estruturadas utilizando, dentre outros espaços significativos, o espaço das praças e das feiras livres em que se busca identificar a percepção da população com relação às seguintes questões: Aqui é ou já foi sertão? Por quê? O que faz esse lugar ser ou não sertão? Quais são as características do sertão?

Considerando a diversidade de fontes utilizadas e, partindo do princípio de que tanto as fontes orais como as escritas são mediadas por uma série de processos histórico-sociais e que, portanto, se organizam e se manifestam numa multiplicidade de linguagens, um suporte metodológico que possibilitasse a compreensão dos sentidos do que se expressa nos discursos tornou-se indispensável. A partir desta perspectiva, os pressupostos da *Análise do Discurso* se consolidaram como elementos fundamentais para uma melhor compreensão da temática.

Convém assinalar que, na articulação entre o referencial teórico proposto e a metodologia apontada, uma abordagem multidisciplinar fez-se necessária; aspecto este presente na concepção deste trabalho e já ressaltado por muitos geógrafos, a exemplo de Haesbaert (1997, p. 46), que evidencia: “Partir do espaço em sua complexidade é, ao nosso ver, a única saída plausível para a compreensão da Geografia contemporânea. Para isso, uma abordagem multi (ou trans) disciplinar, reclamada a muito tempo por geógrafos como Milton Santos (1978), torna-se indispensável”. A busca de fontes teórico-conceituais de outras áreas do conhecimento, certamente tem possibilitado um enriquecimento na análise da produção das representações dos territórios, das territorialidades, dos lugares e todas as complexidades que envolvem esta produção.

O Sertão da Ressaca: território e lugar, memória e representações

Apesar da temática do *sertão* figurar com certo destaque em diferentes áreas do conhecimento, ainda se apresenta como reveladora de significativas possibilidades de investigação.

As discussões sobre o sertão assumem variadas formas de abordagens tanto nos estudos mais clássicos, quanto nas discussões mais recentes realizadas no Brasil, sobretudo a partir da década de 1990.

A carga imagética que o sertão emana continua alimentando um rico conjunto de representações. Referência espacial e simbólica, o sertão tem se constituído em categoria essencial para se pensar a nação brasileira. Amado (1995) assim confirma: “No conjunto da história do Brasil, em termos de senso comum, pensamento social e imaginário, poucas categorias têm sido tão importantes, para designar uma ou mais regiões, quanto a de sertão” (1995, p.145).

Sertão remete a múltiplos sentidos. Rodrigues (2001) evidencia já no título principal do seu trabalho *Sertão no plural* que muitos são os sertões do Brasil, deixando entrever assim, que as diversas formas de apropriação natural e simbólica do sertão geram também diferentes representações deste espaço. A autora enfatiza a polissemia da noção de sertão afirmando que “A palavra sertão tem uma imensa capacidade de evocar situações, lugares, objetos e símbolos. A sua presença marcante na música, na literatura de cordel, no teatro, no cinema, na dança, nos folguedos, nos relatos que tomam para si fragmentos da vida cotidiana e na literatura, são exemplos de sua polissemia” (2001, p.115).

Assim, pode-se dizer que são vários os sertões. Esses vários sertões são também apontados por Almeida quando afirma que “No registro de distintos sertanejos há o reconhecimento dos diversos sertões tecidos por relações sociais que se realizam no plano do vivido e dos processos de percepção desses sertões” (2003, p. 80). Na apreciação da dimensão cultural do sertão sergipano Almeida e Vargas ressaltam

que “As expressões culturais materializam-se no espaço” (1998, p. 472) e, nesta perspectiva, corroborando com Claval (1995) as autoras evidenciam que esta dimensão “talha os indivíduos, define os meios de se relacionarem, de organizarem o espaço e de se organizarem nele” (1998, p. 470).

Moraes (2002-2003) reforça que “o sertão não se habilita como uma figura do universo empírico da geografia tradicional, apesar de - em grande parte - a história dessa disciplina revelar como um de seus objetivos constantes a prática de seu levantamento e explicação”. Nesse sentido, ainda de acordo com Moraes, “o objeto empírico desta qualificação (sertão) varia espacialmente, assim como variam as áreas sobre as quais incide tal denominação” (2002-2003, p. 12). A impossibilidade de delimitar rigidamente o sertão é um aspecto que encontra consonância no contexto contemporâneo que indica cada vez mais a dificuldade de assim proceder na análise de processos socioespaciais em geral que estão a exigir, cada vez mais, que os olhemos a partir de suas simultaneidades e da *compressão tempo-espaço* observada por Harvey (1992). Este contexto é marcado pela fluidez ou no dizer de Bauman (2001), *Modernidade líquida*. Utilizando a metáfora dos fluidos e dos líquidos para exprimir esse contexto o autor esclarece:

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’, são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. (BAUMAN, 2001, p. 08).

Esta metáfora permite a compreensão de que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade, pois os “fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001, p. 08). Na abordagem aqui desenvolvida, esta metáfora pode ser associada ao sertão e, diante desta condição, concorda-se com Moraes quando diz que “[...] não há possibilidade de realizar uma caracterização geográfica precisa das localidades sertanejas, pois estas não correspondem a uma materialidade terrestre individualizável, passível de ser localizada, delimitada e cartografada no terreno” (2002-2003, p. 12). Antes, podemos dizer parafraseando Bauman (2001), que estes sertões “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”...

Monteiro (2006) muito bem expressa essa condição na análise dos aspectos geográficos de *Grande Sertão: Veredas* ao perceber o que denominou de “embutimento” - tipo caixinha chinesa - na idéia do sertão roseano, “[...] essas coisas ‘embutidas’ e ‘aureoladas’ – uma intrincada polissemia – requerem dobrada atenção do leitor”. O autor atenta, assim, para o fato de que a complexa estrutura do romance “assenta bem à compreensão do sertão embutido no Brasil de tal modo que, como face interna, auto-afirmadora, ele representa muito do caráter “nacional”, ao mesmo tempo que sua ‘auréola’ – sua sobrecoisa – transcende o regional projetando-o ao ‘universal’”. (2006, p. 04).

Bolle (2004) expressando a fala do narrador roseano “Sertão é dentro da gente”, evidencia que “O sertão não é somente uma referência geográfica externa, mas igualmente um espaço interior, simbólico [...]” (2004, 314). Monteiro (2006) corrobora com essa assertiva ao instigar: “o caráter geográfico, dentro de sua complexidade e imprecisão de limites, é percepção que se afirma interiorizada, produzida dentro do Homem. Firma-se aqui o vínculo indissolúvel entre ‘real’ e o ‘mítico’ na geografia do sertão” (2006, p. 06). Bezerra e Heidemann (2006) polemizam ainda mais quando dizem “[...] a paisagem é dentro de nós, enquadrada por nosso olhar particular, por nossa memória individual, por mais coletiva que possa ser” (2006, p. 03). No que concerne à memória, mencionada pelos autores, entende-se como Halbwachs (1990) que a memória individual não pode absolutamente ser descartada, mas ela só faz sentido a partir de relações com determinados grupos, inserida em um quadro social. Desta forma, a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas, já que evolui de acordo com categorias próprias e específicas. Ainda para o autor, cada membro de determinado grupo tem, sem dúvida, uma perspectiva própria, mas que só adquire sentido por sua estreita relação e correspondência com os outros membros do grupo.

A percepção dessas relações permite-nos afirmar que a apreensão dos vínculos entre o *território*, o *lugar* e as *redes de memória* bem como as *representações* que os constituem se configura de extrema

importância para o olhar geográfico. Como não levar em *conta*, então, a relação da memória e das representações com o território, o lugar?

É nesse sentido que a discussão envolvendo território, lugar, memória e representações permite compreender um discurso enunciado acerca do sertão. Na análise de diferentes fontes locais consultadas o sertão emerge de maneira significativa. No que concerne às instituições de formação de professores, por exemplo, os discursos proclamando-as como instrumentos de “redenção” dos sertões é marcante. A representação do sertão ainda no início do século XX, como *ignaro, bruto*, responsabilizado pela *falta de progresso* do país era muito presente. Para tentar resolver o problema do “atraso” foi missão destas escolas normais formar professoras sertanejas com o intuito de *letrar os sertões*, inserindo o sertanejo numa sociedade voltada para o *progresso* e a *civilização*.²

Vitória da Conquista, como emblema do território do Sertão da Ressaca foi historicamente proclamada nos discursos como uma cidade sertaneja e é reconhecida como tal. Esta identificação é evidenciada com muita ênfase em diversas construções discursivas, ritos, práticas sociais e no próprio Hino da cidade: “Conquista, jóia do *sertão* baiano/ Ó pérola fulgente do *sertão*/ Minha querida terra *sertaneja*...” As constantes evocações ao sertão continuam reverberando, produzindo sentidos, territorialidades.

Contemporaneamente, encontra-se ainda uma efervescência de discursos políticos com essa característica. Referências ao sertão, a essa terra, a esse chão, a esse lugar, como espaço-alvo de projetos e de pertencimento. Em coleta feita nos *jingles* de campanha no ano de 2006 em Vitória da Conquista aponta-se alguns exemplos: “[...] Quem fez tantas barragens pro sertão melhorar?/ Foi [...], foi [...]/ Agora essa história vamos continuar./ com [...], com [...]” ou “Pode acreditar, [...] é diferente, vai trabalhar para o futuro da gente./ Eu quero mais progresso para o meu lugar. Eu sou daqui, sou desse chão.”

Um outro exemplo pode ser identificado em Programas de Governo do Estado da Bahia quando este jogo discursivo também é utilizado. Paradoxalmente, determinadas áreas sertanejas identificadas como “problemáticas” recebem Programas com denominações que evidenciam o qualificativo imortalizado por Euclides da Cunha “o sertanejo é antes de tudo um forte” como o *Projeto Sertão Forte* e o *Cabra Forte*.³

Recente polêmica também figurou nos noticiários, jornais e revistas semanais de circulação nacional⁴ envolvendo o deputado Mão Branca (PV-BA) que foi impedido de entrar no plenário com um acessório típico do sertanejo: um chapéu de couro. Tal fato teve grande repercussão em jornais locais motivando uma série de debates e mobilizando opiniões favoráveis e contrárias a manutenção deste “estilo sertanejo” no plenário da Câmara. A polêmica circulou intensamente nos programas de rádio de Vitória da Conquista chegando a ser apresentado em forma de versos: “É a ditadura do ar condicionado/ Ter terno e gravata para ser um deputado/ Podem usar pulseira e anel de ouro/ E eu não posso o meu chapéu de couro/ [...] Eu fui criado debaixo desse sol/ E conhecendo as quebradas do sertão/ Foi que aprendi que a vestimenta do homem forte/ É chapéu de couro, correia e gibão/ [...] Mas tanta coisa carecendo solução/ Tanto projeto engavetado no porão/ Ai vem um se dizendo homem do povo/ Sem entender que povo tem seu modo de expressão/ [...] Vem com a Lei aplicar rigidamente/ Proibição severa/ Pro jeito de ser sertão [...]”⁵

Estes exemplos revelam algumas tensões presentes na memória e representações do sertão como a tensão entre modernização e tradição, entre civilização e autenticidade, enfim, entre a cidade e o sertão.

A idéia original do Sertão da Ressaca se esgarçou no tempo, o que se coaduna e justifica, em grande medida, na nossa avaliação, no pressuposto de que o “sertão/espaco não existe em si mesmo, mas unicamente através de um conjunto de efeitos ou de interações que ele engendra” (ALMEIDA, 2003, p. 74). E, ainda, conforme Espindola, que o “sertão foi um discurso sobre espaços e pessoas, uma construção simbólica com fins determinados” (2004, p. 03). Entendendo desta forma, algumas questões merecem ser destacadas, tais como: Que permanências acerca das representações do Sertão da Ressaca resistem ao tempo e continuam presentes na memória coletiva? Que rupturas estão ocorrendo nas representações deste sertão? Quais são, enfim, os fatores responsáveis por estas permanências e rupturas? Como resposta provisória a elas que representa, num certo sentido, o cerne desse trabalho, opta-se por tratar territorialmente o Sertão da Ressaca como um *lugar de memória*⁶. De acordo com Nora (1993), os *lugares de memória*

têm o papel de estabelecer laços de continuidade entre o passado e o presente, portanto, equivalem à necessidade da preservação das memórias coletivas, sem as quais a vida estancaria num eterno presente. Estes seriam, de acordo com o autor, tanto lugares materiais quanto lugares pouco palpáveis ou imateriais. Arruda (2000) já havia associado o sertão a um *lugar de memória* de acordo com a acepção de Nora, evidenciando que:

Devido ao seu caráter ambíguo que, ao mesmo tempo, remete a realidades físicas concretas e a elementos simbólicos e culturais, podemos considerá-lo como um dos *lugares de memória* mencionado por Pierre Nora. Nesse sentido, as descrições e memórias de viagens realizadas por quem percorreu um espaço denominado sertão, podem ser tomadas como elementos de construção dos *lugares de memória*. (2000, p. 166) (Grifo nosso).

As vivências e experiências no sertão são marcadas por ambivalências e por uma pluralidade de olhares. Percorrendo este espaço histórico e geograficamente denominado sertão constata-se, através de algumas narrativas que, para uns, o sertão é definido pelo isolamento: “Aqui é sertão! É só olhar... É um paradeiro só... Um deserto!”. Outros o evocam a partir de associações imediatas com o meio físico, a paisagem: “O sertão é aqui! Óia a terra seca, o céu sem uma nuvenzinha sequer...”. Outros ainda não o reconhecem mais, pois a modernização chegou: “Conquista, sertão? Não... Conquista não é mais sertão, já foi há tempos atrás..., mas agora a cidade cresceu, se modernizou, aqui não é mais sertão”. Estas ambivalências evocam o sertão como espaço vivido e, no dizer de Almeida, este espaço vivido é “um campo atravessado de valores ligados à maneira como os indivíduos apreendem o meio ambiente e entram em relação com ele” (2003, p.72). Dito em outros termos, um espaço visceralmente marcado pela memória e pelas representações. A experiência vai, portanto, dar sentido e significado a um determinado lugar. Por isso, pode-se dizer que quando marcado pela vivência, o sertão parece ser *lugar*. No entanto, o sertão, como construção discursiva aproxima-se também da idéia de *território*. Almeida nos diz: “A construção discursiva sobre o sertão espelha a maneira como ele é pensado e uma maneira específica de “ver” o mundo”. (2003, p. 71). Esta construção discursiva seria responsável, no nosso entender, pela configuração de um *horizonte espacial coletivo*.⁷

Este horizonte espacial coletivo organiza-se a partir de idéias evocadas continuamente acerca deste sertão as quais tiveram o efeito de um *discurso fundador*,⁸ pois se constituíram em enunciados que ecoaram e reverberaram, ressoando em muitos outros discursos. Abordando o *discurso fundador*, Orlandi (1993, p.16) ressalta que este tipo de discurso “busca a notoriedade e a possibilidade de criar um lugar na história, um lugar particular. Lugar que rompe no fio da história para reorganizar os gestos de interpretação”.

A irrupção de um *discurso fundador* instaura e sustenta sentidos, ressoando, até que se produza um deslocamento. Orlandi (1993, p.12) destaca ainda a esse respeito que “não são os enunciados empíricos, são suas imagens enunciativas que funcionam. O que vale é a versão que ‘ficou’”. Analisando discursos fundadores e a relação com o imaginário na construção do país, a autora ressalta: “E aí está a marca-discursiva, não conteudística – do discurso fundador: a construção do imaginário necessário para dar uma ‘cara’ a um país em formação; para constituí-lo em sua especificidade como um objeto simbólico”. (1993, p.17) Nesta perspectiva, o que se proclamou acerca do *sertão* imprimiu a este espaço uma “fisionomia” singular, impregnada de peculiaridades.

No que concerne a configurações de representações, entretanto, nem todos pensam e agem da mesma maneira. Mesmo numa aparente homogeneidade, as resistências às representações dominantes se processam e, é na própria repetição das representações instauradas que, muitas vezes, a representação cristalizada cede lugar às resistências e rupturas.

É considerando, portanto, esta assertiva, que se empreende neste trabalho, uma busca no desvelamento das memórias e representações acerca do sertão aqui referido. As apreensões daí decorrentes vêm resultando no reconhecimento de diversos *sertões* e *não sertões* que compõem este espaço denominado Sertão da Ressaca.

Considerações Finais

Acredita-se que é como membros de diversos grupos que nós nos representamos e construímos representações de objetos, territórios, instituições ou fatos. Sob esta ótica, as representações não podem ser entendidas fora de uma dimensão de alteridade, de uma teia de relações entre os indivíduos na sociedade da qual fazem parte.

Para fins de conclusão destaca-se que as representações estão intimamente associadas a símbolos e que a criação de símbolos não é arbitrária. Existe, portanto, no mundo das idéias, dos discursos e dos ritos, todo um processo de *mobilização simbólica*, que revela a visão de mundo de determinado momento. Na medida em que essas idéias materializadas em discursos, símbolos e ritos alcançam uma *eficácia social*,⁹ elas contribuem para a configuração de determinadas representações geográficas.

A pluralidade é marcante nas representações do sertão. O sertão é, assim, lugar e território. Os seus *sentidos* não se enquadram em singularidades, antes são traspassados por uma multiplicidade de representações que por sua vez vão gerar uma pluralidade de olhares.

A identidade cultural dá sentido ao território. A vivência e experiência produzem um sentido do lugar. Partindo desta compreensão é inevitável a conclusão de que muitos laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar, com o território. Todavia, os significados desses laços não são marcados pela unicidade e sim pela multiplicidade de percepções. Considerando o sertão como portador de sentidos e significados que lhe são atribuídos de acordo com determinadas vivências e experiências ou ainda, a partir de discursos instituídos, pode-se considerá-lo ora como lugar, ora como território.

Partindo desta compreensão concorda-se com Massey (2000) quando argumenta que não existe uma identidade coesa com o lugar, mas identidades múltiplas. Assim, as identificações e os *sentidos* atribuídos aos lugares e aos territórios são também múltiplos, diversos. É possível concluir que os *sentidos* para os lugares, para os territórios com os quais podemos nos identificar, estão sendo constantemente (re) elaborados. Estão, portanto, sempre em curso. Esse entendimento explica a multiplicidade de representações acerca do território enfocado.

Estabelece-se aqui o posicionamento de que sertão é, dialeticamente, um espaço que significa e que é significado. Os “sentidos” do sertão são o amálgama de experiências sociais variadas, muitas vezes e quase sempre contraditórias, ambíguas e antagônicas. Esses sentidos, portanto, só podem ser compreendidos na perspectiva de uma lógica dialética, pois como ressalta Lefèbvre “só é real aquilo que apresenta contradições, aquilo que se apresenta como unidade de contradições”. Nessa perspectiva, “a contradição dialética não é apenas contradição externa (exterioridade dos termos contraditórios), mas unidade das contradições” (1995, p. 192).

Diante da polarização das opiniões e da variedade de abordagens na discussão do sertão, o pressuposto adotado nesta pesquisa admite a necessidade de se romper com os dualismos invariavelmente presentes na idéia de sertão, considerando dialeticamente os elementos que engendram essas concepções.

Notas

¹ Conforme destacado por ARRUDA, G. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000, p. 50.

² Esta discussão está presente em MENDES, G. F. *Luzes do Saber aos sertões: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004.

³ O documento *Bahia no caminho certo para o futuro* (1997) destaca “Os municípios da Região do Semi-Árido e as suas comunidades rurais centralizam as atenções da política de desenvolvimento regional e integração espacial, cujo objetivo é criar meios e condições para o desenvolvimento sustentável das populações que vivem nas áreas mais carentes, mais secas e dessa forma promover a integração administrativa, social e econômica das diversas regiões do Estado” (Bahia 1997, 269).

⁴ Dentre outras publicações mencionamos: A moda no Congresso: É o decoro? *Revista Isto É*, n. 465, 16 de abril de 2007, p. 37 e Câmara proíbe deputado de usar chapéu em plenário por Andeza Matais. *Folha on line*, 12 de abril de 2007.

⁵ Versos de autoria de Ricardo Marques postado em 13 de abril de 2004 no Blog do radialista conquistense Hérzerm Gusmão. Trata-se de um veículo de informações e notícias do município de Vitória da Conquista e região aberto a comentários e opiniões acerca dos fatos divulgados. Site: www.blogdoherzermgusmao.com.br.

⁶ Conceito cunhado por Pierre Nora (1993).

⁷ O conceito de horizonte espacial coletivo, apresentado por Moraes (2005) revela-se útil na abordagem aqui desenvolvida, pois para o autor os horizontes espaciais coletivos emergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político, na ensaística, na pesquisa científica etc. Enfim, é necessário compreender que todo este processo por que passa a configuração de um horizonte espacial coletivo ou a consolidação de dadas representações espaciais são historicamente determinadas e acabam por moldar e direcionar as ações humanas, dando sentido às suas práticas sociais.

⁸ Expressão utilizada por Orlandi para designar enunciados que ecoam e reverberam efeitos de nossa história em nosso dia-a-dia, na reconstrução cotidiana dos laços sociais e identidade. Para Orlandi, os discursos fundadores são aqueles que “vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido: diga ao povo que eu fico, quem for brasileiro siga-me, *libertas quae seta tamen*, independência ou morte, em se plantando tudo dá etc.” (ORLANDI, 1993, p. 12).

⁹ Essa discussão está presente em CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Bibliografia

- ALMEIDA, M. G. de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTS, A.J. P. (Org.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 71-88.
- AMADO, J. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, v.8, n.15. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, 1995, p. 145-151.
- ARRUDA, G. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru/SP: EDUSC, 2000.
- BAHIA. Governador, (Paulo Ganem Souto). *Bahia no caminho certo para o futuro: relatório de atividades 1995 – 1997*. Salvador, 1997.
- BOLLE, W. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades: Ed.34, 2004.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTRO, I. E. *O Mito da necessidade*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.
- _____. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.) *Explorações Geográficas: percursos no fim de século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 155-197.
- CHARTIER, R. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Difel, Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Manifestações da cultura do espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999, p. 59-97.
- _____. El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, n. 34, 2002. Disponível em <http://age.ieg.csic.es/boletin.htm#34>. Acesso em 20 de março de 2007.
- CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L (Org.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *Trajétórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, p. 92-123.
- _____. Geografia Cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999, p. 17-46.
- FENTRESS, J; WICKHAM, C. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992.
- HAESBAERT, R. *Des-territorialização e identidade*. Niterói: Eduff, 1997.
- _____. *Territórios alternativos*. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

- HOLZER, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **Revista Geographia**, Ano II, nº. 3, 2000, p.111-122.
- JODELET, D. **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1991.
- LEFÈBVRE, H. **Lógica formal/Lógica dialética**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- LIMA, N. T. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.
- MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.
- MENDES, G. F. **Luzes do Saber aos sertões**: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004.
- MORAES, A. C. R. de. O Sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, Anos III – IV, nº. 4-5, 2002-2003, p. 11-23.
- _____. **Ideologias Geográficas**. 5º ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- ORLANDI, E. P. Vão surgindo os sentidos: a formação do país e a construção da Identidade Nacional. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso Fundador**, Campinas, SP: Pontes, 1993.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 03. São Paulo: Vértice, 1989.
- _____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, Rio de Janeiro, 1992, p.200-212.
- RODRIGUES, M. de F. F. **Sertão no Plural**: da linguagem geográfica ao território da diferença. 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.
- SOUSA NETO, M. F. de. A Ciência Geográfica e a Construção do Brasil. **Terra Livre**, São Paulo, v.15, 2000, p.09-20.
- SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- _____. Território do outro, problemática do mesmo? O princípio da autonomia e a superação da dicotomia universalismo ético *versus* relativismo cultural. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro Ed.UERJ, 2001, p. 145-176.

Trabalho enviado em junho de 2008

Trabalho aceito em setembro de 2008